

O objeto em Bertrand e Salgado¹

Alcebíades Muniz Neto

mestrando em Comunicação na UNB

Resumo

Tanto Sebastião Salgado quanto Yan Arthus Bertrand estão mapeando o mundo num descomunal trabalho de captação de imagens. Fotografam o Homem em todas as lugares da terra, por menor que sejam. Mas por que Salgado é tão mais celebrizado? Talvez a resposta esteja na relação "sujeito-objeto". "*Conehecer, no vocabulário de Salgado, é fotografar*". Os pressupostos de cada um dos dois fotógrafos, revelam-se nessa forma de mediação. E até certo

Abstract

Sebastião Salgado as well as Yan Arthus Bertrand are mapping the world, undertaking an extraordinary work of capturing images. Both photograph people at every place of the world, even at the smallest ones. Why is Salgado is than so much more celebrated? Maybe the answer lays in the relation "subject-object". Knowing means for Salgado to photograph. The presuppositions of both photographs are revealed in that way of me-

¹The Object for Bertrand and Salgado.

ponto, elas se parecem, ambas as posições. Subjaz algo de modernista. Na posição de Bertrand, macro referencializada, ele apanha conjuntos sob um ponto de vista incomum. Parece um projeto baseado na superioridade do homem sobre o planeta/natureza, o e aí o dado moderno. Já Salgado diz que é preciso descer. Enquanto partícipe, está imerso em sons, aromas, gestos e reapropriações. Aproximar-se do objeto obriga o sujeito a tomar uma posição.

Palavras-Chave: fotografia, Salgado, Bertrand, sujeito-objeto e pós-modernidade.

diation. In a sense, their positions are alike. The position assumed by Bertrand is macro referential, and he captures groups from an uncommon point of view, showing man's superiority over the planet/nature. Salgado, on his turn, states that it is necessary to go down. While participant, he deeply immerses in sounds, aromas, gestures and reappropriations. When approaching an object, the subject is forced to take a stand.

Keywords: Photography; Salgado; Bertrand; subject-object; post-modernism.

Da janela do avião vejo o aglomerado urbano lá embaixo; linhas, texturas e formas. Aqui encima o Homem parece insignificante quando visto isolado, mas quando me deparo com a urbe, o solo apinhado, dou-me conta de que esse pequeno ser pode ser tão poderoso na face do "planetinha" azul, quanto um minúsculo vírus o é para um humano saudável.

Quando abro o jornal (que a aeromoça distribui), vejo a chamada de capa que remete ao caderno dois. Trata-se de uma reportagem com Yan Arthus Bertrand, fotógrafo francês do primeiro time. No texto diz-se que ele está viajando por todo o planeta, colhendo imagens aéreas num projeto colossal que tem apoio das Nações Unidas e do bilionário da Microsoft, Bill Gates. As imagens, de rara beleza, contêm um pouco daquela textura a que estava me referindo há pouco. Uma favela do Rio de Janeiro e um outro cantão no oriente.

Bertrand sobrevoa e clica o homem lá de cima com suas câmeras japonesas.

Enquanto espero a conexão, horas depois, na banca do aeroporto, vejo uma reportagem sobre outro célebre fotógrafo contemporâneo: Sebastião Salgado. E não é difícil perceber que é mais celebrado que o outro, voador: são inúmeras as publicações dedicadas ao seu trabalho.

Eis que pipocam as questões e ponho-me a especular, sem parar, até agora. Em primeiro lugar, lembro que o fotógrafo brasileiro é dono de uma produção invejável. Só de uma viagem à Índia trouxe 280 filmes, num total de 10.000 imagens, diz a reportagem. Deste total, ele separa numa “grande peneirada” cerca de outras 1.700 fotos. E destas, não deverá ampliar finalmente mais do que 30 ou 40. A qualidade do material está intimamente ligada a esta seleção minuciosa. Ainda assim, é preciso lembrar que se dedica aos seus projetos durante anos, sendo que oito meses em cada ano passa vagando por aí, “mundo afora”, clicando sem parar com suas “Leicas” fabricadas entre o Canadá e Portugal, a mala e o saco de dormir. Também é apoiado pela ONU.

Tanto SALGADO quanto BERTRAND estão mapeando o mundo num descomunal trabalho de captação de imagens. Fotografam o Homem em todas os lugares da terra, por menor que sejam. Mas por que Salgado é tão mais celebrizado? Ao perguntar isso, são feitas aqui abstrações estéticas, é bom dizer não estaremos tratando de todo o conjunto de sua obra. Talvez mais a relação “sujeito-objeto”.

Conta SALGADO que: *sobrevoando o Afeganistão num avião da Cruz Vermelha, em baixa altitude, percebi traços em montanhas absolutamente inacessíveis. Traços de caravanas, as marcas do “bicho-homem”. Meu Deus, pensei, eu preciso conhecer essa gente! Um rosto nessas caravanas pode revelar toda uma história, a cultura de um povo.* A reportagem diz que *conhecer*, no vocabulário de SALGADO, é *fotografar*, deixando claro que primeiro ele se dedica ao trabalho de conhecer a cultura local, e só depois “clica”.

Do alto, não há rostos, mas supõe-se que haja uma história. E isso faz lembrar algumas metáforas e paralelos, para ter uma noção da abrangência, que o trabalho do brasileiro tem. A começar pela forma de se posicionar em relação ao objeto. Os pressupostos de cada um dos dois fotógrafos, revelam-se nessa forma de mediação. E até certo ponto, elas se parecem, ambas as posições. No entanto, na proposta do francês, subjaz algo de modernista em sua maneira de tratar esses valores que são dados ao fotografar o “bicho-homem”. Coisas como globalização/pós-modernidade², mundialização/supermodernidade, ou seja lá como for a maneira de se encarar os aspectos do mundo contemporâneo e que dão algumas pistas para nossa especulação. Quer seja no processo de criação de imagens, a partir de conceitos como desterritorialização, movimentos migratórios, trabalho em condições sub-humanas, ecologia e demografia, quer seja fragmentando a luz que emana dos olhos do ser com “tele-encéfalo desenvolvido e polegar direito opositor”³.

Constitui fato esse abraçar o mundo e vê-lo por inteiro, seja sobre a sua cabeça ou nos interstícios de seu umbigo. E novamente fazemos outra relação: a posição de BERTRAND coincide com a Física Relativista, tipo de visão clássica do mundo, enquanto SALGADO, por sua vez, parece traduzir algo da Física Quântica (afamada nos dias de hoje, apesar de ter surgido no início do século).

Superficialmente, para a Física Relativista, a observação pode ser representada usando a metáfora do “avião supersônico”, que sobrevoa o mar, em grande altitude e que pode inferir, lá de cima, que sua superfície é lisa. Parece com a posição de BERTRAND, macro referencializada, ou seja sua posição apanha conjuntos sob um ponto de vista raro e incomum. Quase toda a beleza de seu trabalho é lastreada por uma fé

² Seja na idéia de pós-modernidade proposta por Boaventura de Souza Santos ou mundialização em Alain Tourraine, seja no entendimento de Alfredo Bosi de supermodernidade o dado, aqui, não muda.

³ Essa é a definição de Homem no filme “Ilha das Flores” de Jorge Antunes. Porto Alegre, 1986.

modernista. Sim, se pensarmos que é um projeto baseado na superioridade do homem sobre o planeta/natureza, o que é a leitura primeira. Porém o “pós-moderno ou super-moderno” não nega totalmente a própria modernidade quando lembramos que toda síntese conserva paradigmas anteriores.

Já SALGADO diz que é preciso descer, o que o coloca perto da superfície do mar, onde pode observar que sobre ela existem as ondas. Isso é exemplar do tipo de posicionamento que toma o físico quântico. Essa modalidade da física está na ordem do dia. Gilberto Gil lança o disco *Quanta*; Chico Science também invoca a estrutura da matéria no miolo de seus maracatus eletrônicos. Também SALGADO parece perfazer essa espécie de relação, ou seja, ele está próximo do que o envolve com o objeto. Enquanto partícipe, Salgado está imerso em sons, aromas, gestos e reapropriações.

O intelectual francês Régis Debray afirma que SALGADO “uniu novamente a estética e a militância”. E nisso também há algo que pode ser comparado à física quântica, pois nesta existem os chamados níveis discretos, onde os elétrons ocupam um lugar onde não perdem e nem ganham energia. Aproximar-se do objeto obriga o sujeito a tomar uma posição. SALGADO toma essa posição e dirige com seu olho o aparato tecnológico, que observa todos os olhos do mundo. É impossível pensar em impassibilidade diante dos olhos do refugiado.

SALGADO, ainda, nos fala do Homem através do seus olhos. São eles que nos revelam tudo. E o olhar é uma experiência comum, enquanto sentido, ao mesmo tempo em que estar diante do olhar das pessoas, também. As fotos aéreas, desde os tempos do movimento construtivista, seja de Rodchenko ou dos filhos da Bauhaus ⁴, é desprovida do olhar do outro.

Uma outra relação surge quando lembramos de paradigmas como BRECHT e STANISLAVSKY. O primeiro propondo o distanciamento do ator em relação ao personagem. Já o segundo propondo a completa introjeção deste. Do teatro Brechtiano diz-se, na maioria das “coxias”, que é inacessível às massas, à

⁴ Especialmente Moholy-Nagy.

maioria. O Homem Comum⁵, do tipo que se apropria das coisas e dos falares, não releva a experiência do distanciamento em seu cotidiano. Esse Homem Comum tem a experiência de olhar nos olhos e “espelhar neles a alma” do outro. Não o vê de cima, do alto, de cima para baixo. Que experiência é mais comum, a viagem aérea ou a fome? Qual destas duas coisas é repertório das maiorias que constroem os consensos?

Então chega-me às mãos o livro *Terra*, de SALGADO, impresso na Suíça. E me vejo diante de uma possível contradição. Para chegar até ela, antes, lembro da “conversão” de alguns astronautas, depois que puderam ver a terra lá de cima (se é que no espaço pode ser aplicada essa relação). A fragilidade do nosso planeta fez com que alguns deles se dedicassem à causa da espiritualidade e outros à ecologia (e isto é o que me interessa no momento). Passaram a ver diferente. As imagens obtidas lá de cima tem sensibilizado muita gente e, nesse caso, coloca-nos a uma distância tal que nossos pés não tocam mais o chão. E, é só nessa condição de semideuses que nos damos por conta de que o antropocentrismo pode não ser, afinal, um princípio. Nessa dialética, então, insurge-se contra nós um dado pós-moderno de onde não esperávamos.

No trabalho de SALGADO, *Terra* confunde-se com *Homem*, e *Homem* com *Terra*, e assim por diante. No transfundo desse binômio descobre-se que o ser *Terra* só existe em função do *Homem*. Esse caráter fisiológico, então, é premissa básica do pensamento moderno, da cultura do homem tecnológico-histórico-consciente. Não é a terra que emerge diante do homem, mas uma Terra para seu usufruto.

É uma terra que surge do nada, palco de uma racionalidade em crise, onde o conceito razão se confunde com o de comunicação, do mesmo modo que o conceito de liberdade se confunde com possibilidade. Vivemos a crise do sentido, a morte da palavra. No *sentido*, que agoniza, apela-se à imagem, à boa e confiável fotografia. Há a hermenêutica também, ou seja, tudo é interpretar.

⁵ Definição reapropriada por mim do livro “A invenção do Cotidiano” de Michel de Certeau.

Não há, nestas imagens de SALGADO, tentativas de explicação, mas sim, de denunciar a dor e o sofrimento, coisas que o pensamento centrado no homem não deu conta de resolver, historicamente. Em BERTRAND, o distanciamento faz do homem um ser pequeno, minúsculo e frágil diante da natureza que subjuga. Nas imagens do brasileiro permeiam, através dos cristais dos halletos de prata da emulsão fotográfica, conceitos outros como dignidade e direito, filhos daquele outro: liberdade (possibilidade). Nota-se aí um discurso ético, como já disse, centrado no Homem, num Homem que traz a Terra sob seus pés.

Referências Bibliográficas:

- BASTOS, F. Crise da razão, desconstrução, tecnologia e falência da estética. In: PORTO, S. (Org) *O jornal da forma ao sentido*. Brasília : Paralelo 15, 1997, p.235-251.
- CERTEAU, M., *A invenção do Cotidiano, artes do fazer*. Petrópolis : Ed. Vozes, 1994. 351 p.
- HAZARIM, Dorrit. *O fotógrafo da luz*. In: *Revista Veja*, ano 30, n. 10, 12 de março de 1997, p.70-85.
- MACHADO, A. *A Ilusão Especular*. São Paulo : Brasiliense. 1986. 260p.
- SALGADO, S. *Terra*. São Paulo : Companhia das letras, 1997. 143 p.
- SOUZA SANTOS, B. *Pela Mão de Alice*. Lisboa : Editorial Presença, 1996. 386 p.
- VATTIMO, G. *O fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo : Martins Fontes, 1997. 208 p.